



O CONVIDADO

## Presidente do Banco Mundial deixa recados



**EUGÉNIO VIASSA MONTEIRO**  
 Professor da AESE e autor  
 do Livro 'O Despertar da Índia'

Prestes a deixar a presidência do Banco Mundial (BM), ao fim dos cinco anos de mandato, importa ouvir o sr. Zoellick. O BM tentou fazer muitas coisas ao longo da vida, mas questiona-se sobre a sua eficiência. De uma instituição poderosa e com meios sempre se espera mais da sua acção nas zonas pobres, nomeadamente: um forte impulso à eliminação ou redução da pobreza; a disponibilização capilar de água potável; um contributo para a generalização da literacia e para a difusão dos cuidados de saúde, em particular na infância, etc.

O BM não pode interferir com a autonomia de um país nem pretender fazer aquilo em que os seus governos não se empenhem. Mas pode ter um papel pedagógico, veiculando ideias fundamentais que os governantes em qualquer parte do mundo deveriam levar à prática para melhorar a situação da sua população. E, depois,

apoiá-los na realização dos projectos de vulto para o aproveitamento dos recursos naturais, na geração de energia, na criação de infraestruturas de comunicação e transporte, na difusão do ensino e na agricultura, etc.

O que Zoellick captou e sintetizou é que "os países ricos devem aprender com os países pobres e deixar de lhes dar lições". Sobre tudo, contrastando os últimos tempos, em que um grupo de países pobres apresenta fortes taxas de crescimento, quando era tido como incapaz de lidar com os seus problemas. Ainda que, na maioria

das situações, tal pobreza e mesmo miséria sejam herança da desorganização criada pelos tempos coloniais, como no caso da Índia (em 1600 e 1700, a Índia produzia 22,5% da riqueza mundial, o mesmo que a Europa toda; em 1952 já só produzia 2,3%, segundo William Darity e Angus Madison, ambos ingleses), alguns países souberam recompor-se, alcançando hoje elevados níveis de crescimento.

Querer ensinar e impor é um erro antigo, próprio da mentalidade arrogante do rico, mesmo quando nada tem para ensinar e pouco ainda para emprestar. É frequente "mandar-se" o que o país

receptor de ajuda deve fazer, sem se saber se tal é útil e desejado. Responsabilizar é o que importa.

Num plano de acção junto das pessoas, o prof. Yunus, do Banco Grameen, dizia que nunca nesse Banco se pergunta em que é que o pobre vai aplicar a soma recebida: porque ele sabe muito bem como obter rendimentos que lhe deem para alimentar a família e devolver o microempréstimo. Os pobres são-no porque não têm acesso ao crédito, por não terem garantias para dar; mas são perspicazes, e a fome e a carência "aguçam o engenho" e fazem ganhar a arte de ultrapassar a situação,

com determinação e vontade de trabalhar, só lhes faltando o dinheiro para adquirir as matérias-primas. É aos países pobres mas bem governados, e com projectos concretos para realizar, que se deve em- prestar, cuidando

que haja uma participação financeira local.

Para as actuais circunstâncias que o mundo atravessa, mais aplicáveis são tais lições, uma vez que os supostos países ricos estão a passar tempos de crise, de duração indeterminada. Deveriam observar como fizeram a China e a Índia: todos os países querem ter melhor nível de vida e países muito popu-



ANDRÉS STAFF/REUTERS

**"O que Zoellick captou e sintetizou é que 'os países ricos devem aprender com os países pobres e deixar de lhes dar lições'"**

los da Ásia estão a conseguir através de trabalho árduo e intenso uso da inteligência. E estão a ajudar outros países de África a explorar os recursos humanos e naturais para elevar a vida dos seus cidadãos. Todo este crescimento generalizado criará oportunidades para todos e ao mesmo tempo levará a um equilíbrio de rendimentos e consumos para que, superando os extremos actuais – uns poucos têm tudo e a maioria não tem nada! –, todos os seres humanos à superfície da terra tenham o suficiente para uma vida digna.

Sabidamente, Zoellick comentava que os "países em desenvolvimento buscam investimento pri-

vado para as infraestruturas, para a inovação e apoiam a educação com cheques escolares" permitindo uma maior liberdade de escolha do ensino e maior eficiência na aplicação dos recursos. Quando os termos de troca distorcidos se equilibram, inevitável é aprender a trabalhar bem, usar os recursos da melhor forma, pôr a criatividade a funcionar para inventar produtos e processos melhores. Assim fizeram aqueles dois países pobres que antes recorriam ao BM e hoje estão no caminho da prosperidade e com importantes saldos de divisas.

Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico